

A Universidade de Brasília, o *campus* Planaltina e a democratização do acesso: uma análise multivariada com um modelo ampliado

The University of Brasília, the Planaltina *campus* and the democratization of access: a multivariate analysis with an amplified model

Jacques VELLOSO¹
Lívia Veleda de SOUSA e MELO²

Resumo

O estudo discute como a abertura de um novo *campus* da Universidade de Brasília, localizado em cidade de menor nível de desenvolvimento socioeconômico, teria contribuído para democratizar o acesso à instituição. Utilizou modelo de análise multivariada (árvore) com variáveis adicionais às estudadas anteriormente e com dados obtidos mediante questionários; comparou o perfil social dos alunos dos cursos do novo *campus* com o dos estudantes de cursos congêneres na sede, bem como a satisfação com a carreira. Os resultados evidenciaram inclusão social propiciada pelo novo *campus*, mas a análise da satisfação com o curso advertiu para riscos do projeto de democratização.

Palavras-chave: Democratização do acesso. Educação superior. Universidade de Brasília. Nível socioeconômico.

Abstract

The study discusses how the establishment of a new campus of the University of Brasília, located in a city with a lower level of socioeconomic development, would have contributed to the democratization of access to the institution. With data obtained by means of a questionnaire, it used a multivariate analysis model (tree) with additional variables to those previously studied; it compared the social profile of students in the new campus with that of students of analogous courses in the main campus, as well as their satisfaction with the career. The new campus brought increased social inclusion but the students' satisfaction may jeopardize the democratization project.

Keywords: Democratization of access. Higher education. University of Brasília. Socioeconomic status.

-
- 1 Professor emérito da Universidade de Brasília. Ph.D. em Educação, participou de comitês assessores da Capes e Cnpq, foi presidente da Anped, integra comitês editoriais de periódicos indexados. Líder do grupo de pesquisa "Democratização do acesso à universidade, ações afirmativas e cotas para negros". E-mail: <jacques.velloso@terra.com.br>.
 - 2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília e servidora da mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa "Democratização do acesso à universidade, ações afirmativas e cotas para negros". E-mail: <liviaveleda@yahoo.com.br>.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 21	n. 45	p. 47-66	jan./abr. 2012
----------------	--------	-------	-------	----------	----------------

Introdução

Um dos temas recorrentes na agenda de debates sobre o Ensino Superior nos últimos anos vem sendo o da democratização do acesso, na confluência de diversos fatores. Num período de vinte anos, o Ensino Médio incorporou mais de quatro milhões de alunos e o setor público aumentou sua participação de 63% para 88% no total da matrícula, consequência da ampliação da demanda em virtude da urbanização, do crescimento populacional e do aumento das exigências de escolaridade para os postos de trabalho, como anotou Cunha (2007). Essa resposta das políticas públicas ao crescimento da demanda, por seu turno, inicialmente promoveu uma forte ampliação do número de concluintes do Ensino Médio, cujo contingente quase duplicou nos anos 90. Embora o quantitativo de concluintes tenha se estabilizado nos últimos dez anos, como apontou Velloso (2011), as novas pressões por ingresso na educação superior já haviam sido geradas. Essas pressões não foram acolhidas pelo Ensino Superior público que, como se sabe, vem tendo taxas de crescimento da matrícula muito inferiores às do setor privado, exceto no caso do alunado de instituições isoladas federais – mas estas correspondem a uma pequena fração do conjunto do alunado. Dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE), informados por Neves (2009), nos dizem que em 2007 apenas 13% dos jovens de 18 a 24 anos estavam matriculados no nível superior, uma taxa pobre no cenário latino-americano; dados para 2010 indicam que a educação superior brasileira ainda abrigaria apenas 14% dos jovens daquela faixa etária (AMARAL, 2010).

Um outro conjunto de fatores que contribuiu para robustecer o tema na agenda das discussões sobre o Ensino Superior pode ser associado à intensificação da defesa dos direitos sociais, à valorização do conhecimento científico e à busca por mobilidade social através da educação, fenômeno observável não apenas na sociedade brasileira mas também em muitas outras, conforme arguiu Neves (2009). Sem que pretendamos esgotar a constelação de fatores que contribuíram para tal fim, o foco sobre as ações afirmativas na educação superior, que ganhou corpo após relevante conferência da ONU no começo da década passada, tratando de racismo e matérias correlatas, realizada em Durban, na África do Sul, berço de um dos mais violentos conjuntos de normas legais e práticas sociais de discriminação racial de que se tem notícia, certamente também colaborou para fortalecer os debates sobre o tema.

O conceito de democratização do acesso à educação superior tem na polissemia uma de suas características. Seu significado varia bastante entre autores que tratam do tema, indo desde a simples ampliação de vagas a uma expansão (acima do crescimento da faixa etária pertinente) conjugada com mecanismos de inclusão social; estes envolvem o ingresso na universidade de grupos ou camadas sociais que vêm sendo majoritariamente excluídos da educação superior. Essa última perspectiva, com

variantes, vem ganhando força na literatura. Analisando o tema da democratização do acesso, Oliveira, Bittar e Lemos (2010) destacam a permanência do aluno e a efetiva inclusão do estudante-trabalhador, além de chamar a atenção para a extrema sub-representação de pretos e pardos no Ensino Superior e para as grandes diferenças nas chances de conclusão do curso. Dias Sobrinho (2010) considera igualmente as chances de permanência no Ensino Superior e de conclusão do curso, além de outros aspectos mais. Embora nos filieemos às linhas gerais do pensamento desses autores sobre a questão, neste estudo não dispomos de dados sobre aspectos como chances de conclusão de curso e de permanência na universidade. Assim, para fins do presente estudo, nosso conceito de democratização do acesso significa ampliação de vagas associada a mecanismos de inclusão social.

A Universidade de Brasília (UnB) foi uma das pioneiras na adoção de mecanismos que buscaram superar deficiências dos exames vestibulares e na implementação de estratégias com o intuito de admitir estudantes oriundos das camadas sociais inferiores. Em 1996 criou o Programa de Avaliação Seriada (PAS) que, considerando o rendimento de alunos ao longo dos três anos do Ensino Médio, visava principalmente melhor aferir sua qualificação para estudos universitários; esperava-se também que essa iniciativa fosse menos permeável aos conhecidos impactos do nível social sobre o desempenho no vestibular, assim permitindo ampliar o ingresso de estudantes das camadas populares. Há evidências sugerindo que o programa teve sucesso quanto à primeira dessas finalidades; mas há indícios de que não obteve êxito quanto à segunda e que teria contribuído para elitizar ainda mais o acesso à universidade (BORGES; CARNIELLI, 2005). Em 2004, a UnB adotou o sistema de cotas para negros, reservando 20% das vagas em cada curso. A pesquisa de Velloso e Cardoso (2009) mostrou que, ao longo de um quinquênio, as cotas dobraram as chances de jovens negros ingressarem na instituição. O êxito das cotas não se limitou a esse importante aspecto da inclusão social. A evidência também indicou que entre estudantes cotistas e não cotistas em geral não há diferenças expressivas no rendimento durante o curso (VELLOSO, 2009); outro estudo apurou resultados parecidos para a universidade (FRANCIS; TANNURI-PIANTO, 2010), encontrando diferenças estatisticamente significativas, mas inexpressivas do ponto de vista substantivo porque inferiores a 3% das médias do rendimento dos cotistas e dos não cotistas, como anotaram Velloso e Cardoso (2009) em seu mencionado estudo.

No ano seguinte à adoção da reserva de vagas para negros, a UnB deu início à descentralização de suas atividades acadêmicas. Em 2006 abriu um novo *campus* em Planaltina, região de desenvolvimento socioeconômico em muito inferior³ ao da sede

3 Em anos recentes a UnB abriu dois novos *campi* em regiões de desenvolvimento semelhante, os quais serão objeto de estudos ulteriores.

da universidade, localizada no Plano Piloto de Brasília. Aos candidatos que concluíram as três séries do Ensino Médio em Planaltina e adjacências (conjunto denominado *região de influência*) concedeu uma bonificação de 20% nas notas das provas objetivas. O novo *campus*, denominado Faculdade UnB Planaltina (FUP), foi criado com dois cursos: Licenciatura em Ciências Naturais e Bacharelado em Gestão do Agronegócio (atualmente oferece outros dois mais). Iniciativa semelhante havia sido tomada por mais 25 universidades federais mediante a implantação e/ou consolidação de *campi* universitários nos interiores dos estados e, ainda, pela Universidade de São Paulo (USP), com a inauguração da USP-Leste em 2005, em região de menor nível socioeconômico que o da sede; a universidade logrou reduzir a desigualdade racial de acesso e ampliou, entre seus alunos, a proporção de egressos da escola pública (GUIMARÃES, 2007).

Objetivos e procedimentos

Nesta seção tratamos dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos metodológicos empregados.

Objetivos

O presente estudo busca saber, numa perspectiva multivariada e mais abrangente que a adotada em trabalho anterior, como a abertura do novo *campus* da UnB em Planaltina teria contribuído para uma democratização do acesso à universidade. O trabalho anterior (VELLOSO; MELO, 2010) sofreu limitações de espaço que, embora comuns a todos os textos do evento em que foi apresentado, nos compeliu a simplificar o modelo de análise. Com aquele modelo simplificado constatamos que o novo *campus* acolheu mais alunos oriundos da escola pública no nível médio e, conforme o curso, mais alunos com baixa escolaridade da mãe ou com maior insatisfação com a carreira. No presente texto, dispendo de adequado espaço para a discussão, ampliamos e aprofundamos o modelo anterior de análise multivariada.

Procedimentos

Para atender ao objetivo da pesquisa era desejável comparar características socioeconômicas do alunado dos dois cursos ofertados na Faculdade UnB Planaltina com as dos estudantes dos cursos correspondentes oferecidos na sede da instituição, o *campus* Darcy Ribeiro. Considerando que os cursos da FUP não têm correspondência exata com os ofertados na sede, foi necessário definir equivalências: para a Licenciatura em Ciências Naturais da FUP, seus correlatos na sede foram os cursos de Ciências Biológicas e de Física (ambos com bacharelado e licenciatura); para o Bacharelado em Gestão do Agronegócio da

FUP, seus análogos na UnB sede foram os bacharelados em Administração e em Agronomia. Os universos da pesquisa são integrados por estudantes de graduação que ingressaram no primeiro semestre de 2006 e de 2008 nesses seis cursos.

Os dados sobre os alunos foram colhidos em questionários aplicados mediante amostragem por saturação, na qual se busca alcançar todos os sujeitos do universo que possam ser encontrados. A estimativa da matrícula nos seis cursos, na época da aplicação dos questionários, correspondia a um universo de 374 sujeitos e a pesquisa alcançou 73% destes, um ótimo índice, permitindo uma análise confiável dos dados obtidos. Amostras não probabilísticas, como no presente caso, prescindem de testes estatísticos (o pacote estatístico utilizado, o SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*, os produz automaticamente, mas eles serão desprezados na análise). Os dados obtidos têm natureza sobretudo ilustrativa, porém, diante da alta porcentagem de alunos entrevistados, os resultados muito provavelmente retratam bem de perto a realidade analisada.

As duas variáveis dependentes do estudo foram, para cada grupo de cursos, o local de sua oferta: *campus* de Planaltina ou *campus* Darcy Ribeiro. O grupo de cursos denominado *Ciências* compreendeu Ciências Naturais (FUP), Ciências Biológicas e Física (UnB sede). O grupo denominado *Agronegócio* compreendeu o curso de Gestão do Agronegócio (FUP) e os de Administração e de Agronomia (UnB sede). No modelo de análise ora utilizado ampliamos a versão simplificada antes empregada, considerando sete variáveis explicativas, quase todas refletindo diversas dimensões do nível socioeconômico dos alunos. A renda familiar mensal foi classificada em três categorias (baixa, média e alta), cada uma delas correspondendo a aproximadamente um terço dos casos. Procedimento análogo foi adotado para a escolaridade da mãe (baixa, até Ensino Médio completo; média, Nível Superior; alta, Pós-Graduação). A idade também foi agrupada em três categorias, alta, média e baixa, ainda que com distribuição desigual, pois metade dos alunos tinha até 17 anos (baixa, até 17 anos; média, 18 anos; alta, 19 anos e mais). O tipo de escola seguida no Ensino Médio teve duas categorias: maior parte/todo o Ensino Médio em escola particular e maior parte/todo o Ensino Médio em escola pública. A cor da pele do aluno, conforme auto-declaração no questionário, foi agrupada em duas categorias: negros (segundo critérios do IBGE, compreendendo pretos e pardos) e não negros. A situação de trabalho do estudante foi agrupada em duas categorias, trabalha e não trabalha, ambas referidas à época de aplicação do questionário. Além dessas variáveis foi ainda considerada a satisfação com o curso, adiante discutida. No estudo anterior, antes mencionado, as variáveis idade e situação de trabalho não haviam sido incluídas no modelo simplificado.

Além das variáveis socioeconômicas, incluiu-se no modelo a satisfação do aluno com o curso, uma variável que permitiria captar a percepção do estudante

quanto a problemas na implantação da FUP, identificados quando das entrevistas com gestores da UnB e dos cursos em Planaltina, em trabalho anterior (MELO, 2009). Em pesquisas com estudantes universitários, o conceito de *satisfação com o curso* costuma ser distinto do conceito de *satisfação com a carreira*; o primeiro põe ênfase na avaliação da formação universitária recebida, ao passo que o segundo destaca a apreciação de perspectivas profissionais futuras. Essa desejável precisão conceitual não foi alcançada no instrumento usado no trabalho de campo. Em vista disso, no presente texto, os termos *carreira* e *curso* serão utilizados como sinônimos, tal como habitualmente ocorre na maior parte da literatura sobre Ensino Superior. Em nosso estudo a satisfação com o curso ou carreira tem duas categorias: satisfeito e insatisfeito.

O alunado dos cursos foi analisado a partir de duas árvores de classificação, uma para cada variável dependente considerada. O procedimento estatístico da árvore de classificação (denominado *Tree*, no pacote estatístico do SPSS) ordena as variáveis explicativas conforme sua relevância em relação à variável dependente. Como nossas variáveis dependentes são categóricas (ou nominais), o procedimento classifica as variáveis explicativas conforme sua relevância na discriminação das categorias da variável dependente.

O procedimento pode ser utilizado mediante diferentes técnicas de classificação. Utilizamos a técnica⁴ de classificação denominada CHAID (*Chi-squared Automatic Interaction Detection*), sigla para detecção automática de interação mediante testes de qui-quadrado. De forma simplificada e muito aproximada, pode-se dizer que essa técnica estatística promove dezenas (ou mesmo centenas) de testes de qui-quadrado entre a variável dependente e cada uma das variáveis explicativas consideradas, estabelecendo uma hierarquia entre estas (EHELKER; LEHMANN, 2001; SOUZA, 2000). Cumpre informar que o restante da descrição do procedimento árvore e da técnica CHAID se refere apenas ao caso da presente pesquisa, na qual tanto a variável dependente como as independentes são nominais; entretanto, o procedimento também constrói árvores com variáveis intervalares.

O conjunto dos resultados para cada variável dependente é apresentado, pelo procedimento estatístico, numa representação gráfica e hierárquica. Nesta, a variável dependente se situa sempre na raiz da árvore. Da raiz nasce um ramo, referente à variável explicativa que foi identificada pela técnica como a melhor preditora da variável dependente – ou, se quisermos, com maior poder explicativo

4 Os estatísticos a denominam método de análise (veja-se, por exemplo, Souza, 2000). Preferimos utilizar o termo técnica, mais afinado com a terminologia da investigação em Educação e em Ciências Humanas e Sociais.

quanto às categorias da variável dependente. Os níveis do diagrama (ou camadas da árvore) correspondem aos graus de relevância de cada variável explicativa quanto à discriminação das categorias da variável dependente. A construção da árvore – ou de um de seus ramos – é interrompida pelo procedimento quando um dos parâmetros definidos pelo pesquisador deixa de ser atendido: por exemplo, quando o resultado obtido com o teste do qui-quadrado não atende demasiado ao nível de significância especificado pelo pesquisador, ou quando a quantidade de casos não alcança o número mínimo estabelecido pelo pesquisador.

No intuito de continuar com ilustração de como opera a técnica CHAID, na construção de uma árvore, consideremos, por exemplo, a variável dependente que compreende a licenciatura em Ciências Naturais na FUP e, na sede, o par de cursos Biologia e Física. Consideremos ainda duas variáveis explicativas: o tipo de escola no Ensino Médio e a escolaridade da mãe. Por fim, consideremos as possíveis relações entre a variável dependente – local de oferta do curso, na FUP ou na sede – e duas variáveis explicativas: o tipo de escola no Ensino Médio e a escolaridade da mãe do aluno. Se o teste do qui-quadrado para o tipo de escola no Ensino Médio se situar no nível de significância de 0,01 e o da escolaridade da mãe for significativo no nível de 0,05, então a variável tipo de escola consistirá no primeiro ramo da árvore. De fato, o diagrama 1 apresenta um resultado análogo a este da nossa ilustração. Como pode ser observado, o nível de significância para o teste estatístico com a variável tipo de Ensino Médio (valor de P , ajustado) é igual a 0,000, ou seja, menor que 0,001.

Uma vez identificado que o tipo de Ensino Médio é a variável explicativa mais relevante, a busca de possíveis associações da variável dependente com as demais variáveis prossegue considerando as duas categorias daquela variável, pública ou particular. Por outras palavras, todas as demais associações possíveis são examinadas considerando-se dois grupos de alunos: os que frequentaram escola pública e os que seguiram escola particular. Com efeito, logo após a variável tipo de escola, no diagrama 1, há duas variáveis com o mesmo nível de importância, pois ambas se situam na segunda camada da árvore: a escolaridade da mãe (nós 3 e 4), para os alunos que frequentaram escola pública (nó 1), e a satisfação com o curso (nós 5 e 6), para os alunos que seguiram escola particular (nó 2). Em termos aproximados, podemos dizer que tais resultados foram obtidos através de um grande número de testes de qui-quadrado, nos quais foram experimentadas diferentes combinações de variáveis. O procedimento árvore, portanto, é de natureza multivariada, pois contempla simultaneamente todas as variáveis explicativas especificadas pelo pesquisador.

Uma das vantagens do procedimento árvore e da técnica CHAID, quando comparados a procedimentos e técnicas tradicionais, é a de que permitem e automaticamente produzem agregações de categorias de uma variável explicativa qualquer. No caso em tela, a escolaridade da mãe originalmente tinha três

categorias: baixa, média e alta. Mas, nos resultados obtidos e apresentados no diagrama 1, as três categorias originais da escolaridade da mãe foram agregadas pela técnica em duas categorias: baixa e média/alta, pois tal agrupamento era o que melhor discriminava o alunado da FUP dos estudantes da UnB sede. A técnica CHAID, que realiza agrupamentos como este a partir da detecção da interação entre variáveis e suas categorias, poupa trabalho ao pesquisador, ao qual caberia testar diferentes formas de agregação das categorias das variáveis independentes, num processo que seria extremamente oneroso em matéria de tempo.

Nas duas árvores construídas pelo procedimento *tree* foram consideradas todas as sete variáveis acima mencionadas. As que não constaram de uma árvore não eram relevantes na discriminação entre os tipos de curso analisados. O critério de relevância da CHAID considera o nível de significância estatística dos testes do qui-quadrado, fixado pelo pesquisador. Estabelecemos que este nível não deveria ser maior que 25%. Embora inaceitável para amostras probabilísticas, como no presente trabalho o nível de significância não se aplica – conforme antes discutido –, o nível foi fixado a partir de testes empíricos no decorrer da pesquisa, de modo a que se evitasse um excessivo prolongamento dos ramos da árvore, apresentando resultados sem diferenças substantivas.

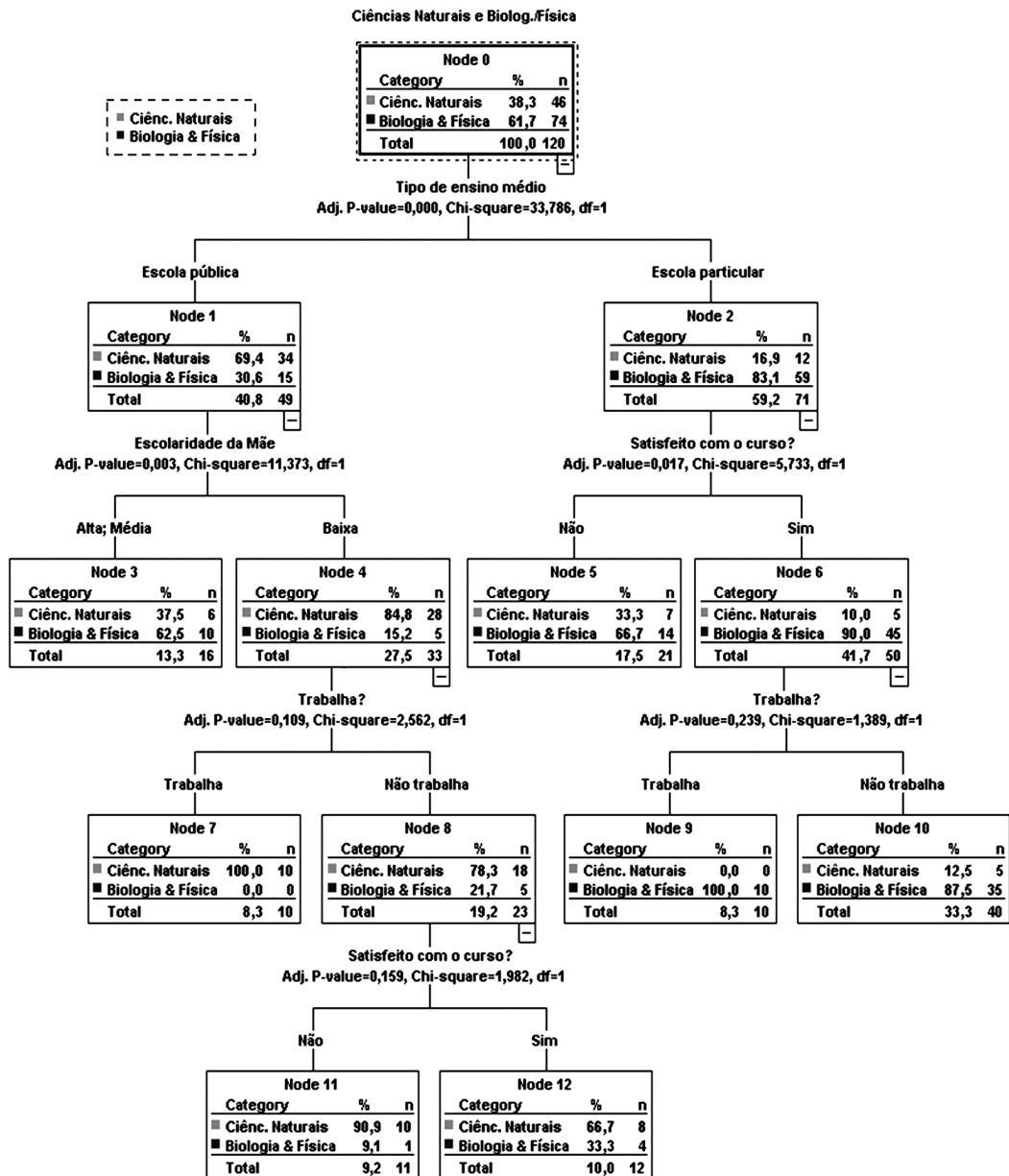
As principais dimensões da democratização do acesso

Nesta seção discutimos os resultados obtidos. Iniciamos pela análise dos dados para os cursos do grupo *Ciências*, tratando em seguida dos resultados para os cursos do grupo *Agronegócio*.

Ciências Naturais e o par Biologia & Física

O diagrama 1 trata do grupo de cursos *Ciências*. O nó zero deste diagrama nos diz que pouco mais de 60% do alunado é integrado por estudantes da UnB sede, sendo o restante da FUP. Uma rápida inspeção no conjunto dos ramos e nós da árvore mostra que, das sete variáveis explicativas utilizadas, apenas quatro estão presentes: tipo de Ensino Médio, escolaridade da mãe, situação de trabalho e satisfação com o curso. Foram excluídas: renda familiar, cor da pele e idade, em virtude de serem menos relevantes que as apresentadas (ou irrelevantes) para distinguir o alunado dos dois subgrupos de curso.

Diagrama 1



A primeira variável explicativa de relevo é o tipo de Ensino Médio seguido pelo aluno – público ou particular (nós 1 e 2). O tipo de Ensino Médio é a variável que mais profundamente traça uma linha de clivagem entre os estudantes da FUP e os da UnB sede, nos cursos ora considerados. No segmento dos que fizeram escola pública (nó 1), os estudantes da FUP têm marcada participação (69%), ao passo que os da UnB sede são bem minoritários (31%). Esse resultado é coerente com características dos cursos de Licenciatura, os quais usualmente desfrutam de menor prestígio social em comparação aos de Bacharelado, e cujo alunado provém majoritariamente do Ensino Médio público (GATTI, 2000); dados mais recentes, relativos aos alunos de licenciaturas que prestaram o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) em 2005, confirmando tendência anterior indicam que 68% haviam estudado em escola pública (BRITO, 2007).

Já no segmento dos que fizeram escola particular (nó 2), os níveis de participação se invertem: a grande maioria é de alunos da UnB sede (83%), contrastando com uma diminuta presença de estudantes da FUP (17%). A frequência a uma escola particular de nível médio acarreta custos que geralmente não podem ser arcados por famílias de menor nível de renda, como é sabido. De fato, nossos dados para os estudantes dos cursos do grupo *Ciências* mostraram que, entre os de família com renda baixa, 2/3 frequentaram escola pública; já entre os de família com renda alta, 90% seguiram o Ensino Médio em escola privada (esses dados não estão apresentados no diagrama 1). A variável tipo de Ensino Médio – público ou particular – tem, portanto, forte conotação econômica, no sentido do capital econômico de Bourdieu (1982). Mas também é inequívoco que o tipo de Ensino Médio reflete várias diferenças em termos de capital cultural. Neste aspecto, o universo das experiências educacionais vivenciadas pelos jovens do Ensino Médio privado costuma ser mais rico e amplo que o dos jovens do Ensino Médio público. Consideramos, então, que a variável tipo de Ensino Médio tem, sobretudo, uma dimensão econômica, embora não se desvincule de sua dimensão sociocultural.

Retornemos ao ramo da árvore referente aos estudantes oriundos da escola pública (nó 1). Entre estes, a escolaridade da mãe, um outro indicador de nível socioeconômico (nós 3 e 4) é a variável que melhor separa alunos da FUP e da sede⁵. Entre ex-alunos da escola pública e cuja mãe tem escolaridade média/alta (nó 3), a maioria é dos que estudam nos cursos da UnB sede (63%). Já entre os ex-alunos da escola pública, cuja mãe tem escolaridade baixa, a situação se inverte, pois há um amplo predomínio dos que seguem o curso de C. Naturais

5 Notemos que o programa estatístico utilizado agregou as três categorias de escolaridade da mãe em apenas duas, pois este é o agrupamento que melhor discrimina entre as categorias da variável dependente.

(85%). Nos termos de Bourdieu (1982), a escolaridade da mãe pode ser tida como um bom indicador de capital cultural, que tem forte influência na trajetória escolar e nas chances de ingresso na universidade. Nos termos do mesmo autor, o capital econômico, frequentemente representado pela renda familiar, tem influências análogas, embora opere de modo diverso. Conforme mencionamos acima, a renda familiar não foi incluída na árvore; à primeira vista isso poderia significar que, no conjunto das variáveis consideradas, quando está presente um indicador do capital cultural, o capital econômico não chegaria a ser relevante. Entretanto, os dados parecem sugerir que as diferenças quanto ao capital econômico se manifestam através do tipo de Ensino Médio frequentado pelos estudantes dos dois *campi*.

Lidos em conjunto, os dados sobre o tipo de escola no Ensino Médio e os da escolaridade da mãe indicam que a UnB, mediante a abertura do novo *campus* em Planaltina, além de ampliar as vagas oferecidas efetivamente, passou a acolher alunos de *status* social menor, promovendo uma democratização do acesso à universidade. A estratégia da UnB de criar um novo *campus* em Planaltina parece ter se revestido de êxito, com vistas à democratização do ingresso na educação superior.

Observamos ainda que, entre os estudantes oriundos da escola pública e cuja mãe tem escolaridade média/alta (nó 3), a árvore parou de crescer, indicando que nenhuma outra variável distingue bem os alunos da FUP daqueles da UnB sede. Examinemos então o ramo que nasce no subgrupo de estudantes da escola pública, cuja mãe tem baixa escolaridade (nó 4). Estes são os de menor nível socioeconômico entre todos os alunos do grupo das *Ciências*, tanto pela frequência à escola pública no Ensino Médio, quanto pelo baixo nível da escolaridade materna. Neste segmento, a variável que mais bem discrimina os alunos dos dois *campi* é a situação de trabalho: entre os que não desenvolvem atividade laboral (nó 8), 78% são da FUP. Já entre os que trabalham, todos são da Licenciatura em C. Naturais e nenhum segue curso de Biologia ou de Física. Tal característica deste alunado, o trabalho, em certa medida o aproximaria do perfil do *novo aluno* do Ensino Superior brasileiro, esboçado por Britto et al. (2008) e típico da maioria dos matriculados em instituições privadas: frequentemente trabalha e pouco participa de atividades acadêmicas que transcendam o espaço da sala de aula. De um lado esses dados confirmam, ainda uma vez, o êxito do novo *campus* em acolher estudantes de camadas sociais mais baixas; de outro, põem para a UnB o desafio de evitar que os estudantes da FUP venham a assumir as feições do *novo* aluno do Ensino Superior, referido por Britto et al. (2008).

Para os estudantes do nó 8 a satisfação com a carreira é relevante para separar os matriculados na FUP dos que estudam na sede. Entre os insatisfeitos (nó 11), mais de 90% são do curso de C. Naturais, ao passo que entre os satisfeitos

a proporção dos matriculados neste curso sofre abrupta queda para 2/3 do total, indicando, inequivocamente, que no subgrupo analisado a insatisfação é bem mais elevada entre os alunos da FUP. Esse resultado certamente está associado ao processo de concepção e de implantação do novo *campus*. Com efeito, entrevistas com gestores, conduzidas por Melo (2009), revelaram que muitos estudantes da FUP esperavam que as condições materiais para estudo – infraestrutura e equipamentos – em Planaltina estivessem mais próximas das disponíveis no *campus* Darcy Ribeiro; ademais, frequentemente eles não tinham uma percepção muito clara quanto às carreiras correspondentes aos cursos oferecidos; quando conectavam cursos e carreiras, nem sempre estas eram as que desejavam seguir. A persistente ociosidade de vagas no curso de C. Naturais, bem maior que a de seus congêneres na sede e que, recentemente, no segundo vestibular de 2010, alcançou uma taxa superior a 50%, certamente é um nítido reflexo dos problemas na concepção e implantação do curso. Há que se considerar ainda questões apontadas por Gatti (2000) sobre os cursos de licenciatura, cuja procura tem diminuído devido às condições de oferta, frequentemente deterioradas, e a aspectos relativos à carreira de professor, tais como baixos salários e menor prestígio social. Acrescente-se que o curso de C. Naturais da FUP difere de licenciaturas análogas na sede, pois este habilita apenas para lecionar Ciências no Ensino Fundamental, assim limitando as oportunidades de trabalho e os salários de seus egressos.

Passemos agora ao ramo que nasce no nó 2 da árvore, referente aos que estudaram em escola privada no Ensino Médio. Entre estes, diferentemente do que ocorreu com os egressos da escola pública, a escolaridade materna não tem relevância. Tais resultados parecem sugerir que os egressos da escola particular constituiriam um grupo bastante homogêneo do ponto de vista do capital cultural. De fato, nossos dados revelaram que nesse grupo mais de dois terços dos alunos têm mãe com escolaridade média/alta, seja entre os que estudam na FUP, seja entre os que estão matriculados na UnB sede.

Nesse grupo, a principal variável que distingue os estudantes da FUP dos alunos da UnB sede é a satisfação ou insatisfação com a carreira em que estão matriculados. Entre os insatisfeitos (nó 5), os estudantes da FUP correspondem a 1/3, ao passo que entre os satisfeitos (nó 6) essa proporção cai para apenas 10%. O resultado é semelhante ao obtido anteriormente para os egressos da escola pública (nós 11 e 12), embora aqui as diferenças entre os dois *campi* sejam menos intensas. Agora, para os egressos da escola privada (nós 5 e 6), a maior insatisfação dos estudantes da Licenciatura em Ciências Naturais certamente reflete os problemas quanto ao processo de concepção e de implantação do novo *campus* e as perspectivas da carreira, já mencionados. Além de ter

evidentes implicações para a boa gestão na universidade, a insatisfação também tem implicações quanto às chances de evasão. Estas costumam ser maiores nas licenciaturas que nos bacharelados, como ilustra a discussão de Gobara e Garcia (2007) sobre a formação de professores de Física para o Ensino Médio. Em linha de pensamento semelhante, para Gatti (2000) a evasão nos cursos de licenciatura está associada à forma como estes são oferecidos e às péssimas perspectivas de carreira. Um estudo de Velloso e Cardoso (2009) com alunos do *campus* Darcy Ribeiro, indicou que também na UnB a taxa de evasão é maior nas licenciaturas que nos bacharelados e, igualmente em linha com achados para outras IES no país, que a insatisfação com o curso está diretamente associada ao abandono. Assim, o maior nível de insatisfação com a licenciatura da FUP pode comprometer o projeto de democratização do acesso.

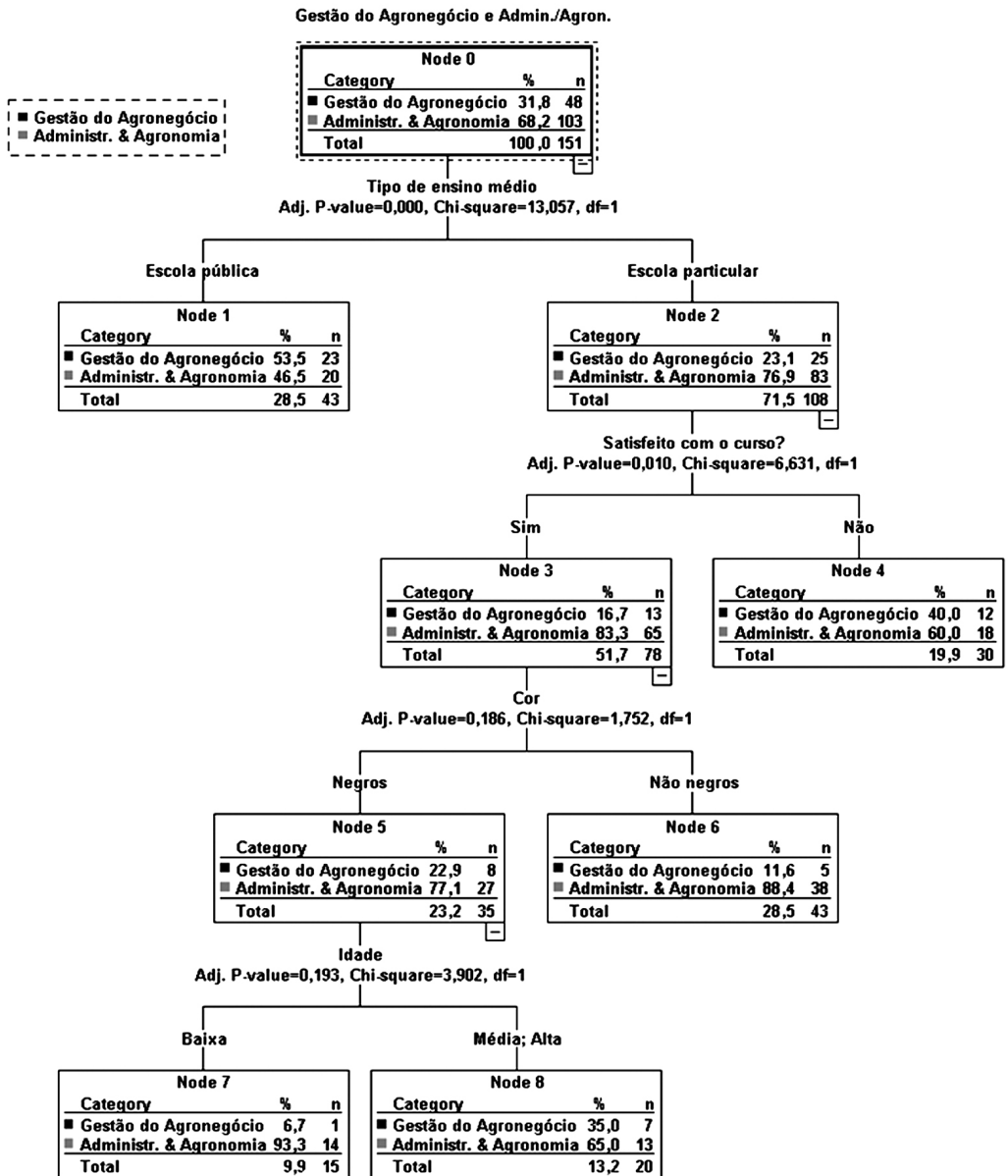
A última variável relevante no ramo da escola privada é a situação de trabalho dos alunos satisfeitos com a carreira escolhida (nós 9 e 10). Nesse subgrupo de estudantes, todos os que trabalham são dos cursos da UnB sede e, entre os que não trabalham, os alunos de Biologia e de Física equivalem a quase 90%. Este resultado é diametralmente oposto ao que antes obtivemos quanto à situação de trabalho dos oriundos da escola pública cuja mãe tem baixa escolaridade.

Note-se que, no presente caso, ao contrário do anterior, os resultados dizem respeito a alunos com capital econômico alto (fizeram escola particular). Um exame mais a fundo de nossos dados mostrou ainda que, entre os egressos da escola privada que estão satisfeitos com o curso, mais de 80% têm mãe com escolaridade média/alta. Os nós 9 e 10, portanto, se referem a uma elite social. Como então explicar que, nesse estrato de elite, todos os que têm atividade laboral sejam estudantes dos cursos da UnB sede e entre os estudantes-trabalhadores não exista um único estudante da FUP, região de nível socioeconômico bem inferior àquela na qual se situa o *campus* Darcy Ribeiro? É possível, até provável, que o trabalho dos alunos da sede esteja vinculado mais a oportunidades de iniciação profissional ou acadêmica que à necessidade de prover seu sustento e de sua família, mas a questão permanece em aberto, aguardando estudos ulteriores.

Gestão do Agronegócio e o par Administração & Agronomia

Passemos ao diagrama 2, que se refere aos cursos do grupo *Agronegócio*, que compreendem Gestão do Agronegócio (FUP) e o par de cursos de Administração de Agronomia (UnB sede). O nó zero mostra que, do total de alunos entrevistados, 32% estavam matriculados no curso da FUP e o restante nos dois cursos da sede. Observamos nesse diagrama a presença de quatro variáveis explicativas, a mesma quantidade do diagrama anterior, embora nem todas sejam as mesmas de antes.

Diagrama 2



A primeira variável explicativa da árvore é o tipo de estabelecimento cursado no Ensino Médio, público ou particular, tal como ocorreu no diagrama 1. Examinando as linhas *Total* dos nós 1 e 2, seríamos tentados a dizer que os alunos do conjunto de cursos ora analisados são provenientes sobretudo da escola particular (71%). Isso não deixa de ser verdade, porém pouco significa, pois em nossa amostra os matriculados em cursos da UnB sede correspondem a mais do dobro dos que frequentavam o curso da FUP. Com efeito, há grandes diferenças entre esses dois grupos, quanto ao tipo de escola que seguiram no Ensino Médio.

Entre os que estudaram em escola particular (nó 2), os alunos de Planaltina não alcançam um quarto (23%). Já entre os que seguiram escola pública (nó 1), os estudantes da FUP são mais da metade (54%), e correspondem a mais do dobro da fração anterior. Tal qual ocorreu com o grupo de cursos *Ciências*, no grupo *Agronegócio* o tipo de escola no Ensino Médio se revela igualmente uma poderosa variável que captura efeitos do capital econômico, na acepção de Bourdieu (1982), e que assim distingue com nitidez os estudantes do curso da FUP em relação aos da sede. Nossos dados (que não fazem parte do diagrama 2) ilustram bem como o tipo de escola no ensino médio tem estreita associação com capital econômico em seu sentido estrito: no grupo *Agronegócio*, entre alunos cuja família tem renda baixa, $\frac{3}{4}$ deles seguiram escola pública; em contraste, entre os de renda familiar alta, quase todos (90%) fizeram Ensino Médio no setor privado. Os resultados do diagrama 2 indicam assim mais uma das dimensões do êxito do projeto de democratização do acesso mediante a criação do *campus* de Planaltina.

É interessante efetuar uma comparação preliminar dos resultados quanto ao tipo de Ensino Médio, para o bacharelado da FUP, com dados referentes aos alunos do novo *campus* da UnB em Ceilândia (Faculdade Ceilândia - FCE), implantado há menos tempo, e no qual são oferecidos cinco bacharelados na área de Saúde (Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Gestão de Saúde, Terapia Ocupacional). Montagner et al. (2010) aplicaram questionários a alunos ingressantes nesses cursos da FCE e constataram que 37% deles eram oriundos do Ensino Médio público. Uma consulta aos nossos dados (não estão mostrados no diagrama) mostrou que entre estudantes do par de cursos Administração & Agronomia, da sede, a proporção dos que estudaram em escola pública era muito menor, cerca de metade daquela. Se o alunado desse par de cursos da sede pudesse ser diretamente comparado com o dos cursos da área de Saúde oferecidos na novíssima faculdade de Ceilândia, poderíamos então dizer que esta, tal qual a FUP, também estaria contribuindo para a democratização do acesso à universidade. Uma adequada comparação, entretanto, requer dados adicionais.

A árvore pára de se desenvolver no nó da escola pública (nó 1), pois entre as variáveis consideradas nenhuma delas distingue os alunos deste segmento. No entanto, a árvore continua a crescer no ramo da escola particular (nó 2).

Nesse ramo, a próxima variável em importância é a satisfação com o curso. No subgrupo dos insatisfeitos (nó 4), os estudantes de Gestão do Agronegócio respondem por 40% do total, ao passo que o subgrupo dos satisfeitos abriga somente 17% dos alunos do mesmo curso (nó 3). Efetivamente, e tal como ocorreu na análise do diagrama 1, a insatisfação com o curso é bem mais elevada entre alunos da FUP, por motivos já apontados. Cabe reiterar a associação entre níveis de insatisfação com o curso e as chances de evasão, como identificado no trabalho de Velloso e Cardoso (2009), e os riscos de que o descontentamento comprometa o processo de democratização do acesso.

De outra parte cabe registrar que, no mesmo ano de 2006, em que começou a funcionar o Bacharelado em Gestão do Agronegócio na FUP, era criado o Mestrado em Agronegócio no Departamento de Agronomia e Veterinária da UnB sede. Este mestrado nasceu com um caráter interdisciplinar, tal como o bacharelado na FUP, num sinal claro da importância da subárea do Agronegócio na área de Agronomia. Não se sabe em que medida os alunos da FUP tomaram conhecimento desse novo mestrado; tal informação certamente teria contribuído para reduzir o desconhecimento de muitos – revelado nas entrevistas – quanto à carreira de gestor de agronegócios. De posse de tal informação, provavelmente teria sido menor a incidência de insatisfação com o curso entre os alunos da FUP.

A penúltima variável relevante na árvore do diagrama 2 é a cor da pele do aluno (nós 5 e 6). Entre os negros, os alunos de Planaltina são 23%, ao passo que entre os estudantes da sede eles são quase metade disso, 12%. A cor ou raça das pessoas é uma característica que tem forte associação com a apropriação de oportunidades sociais no país, conforme registrou Hasenbalg (2003), mas é pelo menos duvidoso que tal associação se aplique ao presente caso, pois neste os resultados quanto à cor da pele se referem apenas a ex-alunos da escola particular. É possível que parte (boa parte?) dos estudantes negros da FUP tenham seguido escola privada com bolsas de estudo, porém apenas dados adicionais aos obtidos permitiriam examinar tal hipótese.

A última variável da árvore, a idade (nós 7 e 8), é relevante somente para o subconjunto de estudantes negros que fizeram escola privada. Idades mais elevadas no Ensino Superior costumam refletir trajetórias escolares mais problemáticas e são mais frequentes entre jovens com menores níveis de capital econômico ou cultural familiar. Os estudantes com mais idade são aqueles que ingressaram na educação básica fora da idade própria, ou que sofreram reprovações durante sua escolaridade, ou ainda, que tardaram algum tempo a se candidatar a estudos universitários porque precisavam trabalhar após concluir o Ensino Médio. Os resultados quanto à idade abrangem um diminuto número de casos, o que em qualquer circunstância desafiaria interpretações adequadas. De todo modo, seja por este motivo, seja por se referirem a negros egressos da escola particular, sua compreensão requer novos dados, para além dos recolhidos na presente pesquisa.

Considerações finais

A pesquisa considerou estudantes dos dois cursos de um novo campus da UnB em Planaltina e alunos de cursos congêneres na sede da instituição. Comparou seu perfil social e sua satisfação quanto à carreira, numa perspectiva de análise multivariada. Adotou, para a análise dos dados de uma universidade pública, a noção de que a democratização do acesso compreende uma ampliação de vagas conjugada a um aumento da inclusão social. Os dados reiteraram parcialmente achados anteriores, obtidos com um modelo de análise simplificado, e também trouxeram novidades, com o modelo adequadamente ampliado. Reiteraram que o principal divisor de águas entre alunos do novo campus e da sede, em ambos os grupos de cursos estudados, é o tipo de Ensino Médio frequentado, público ou particular – um bom indicador do capital econômico familiar. O estabelecimento do campus da UnB em Planaltina permitiu que muitos alunos oriundos da escola pública – que de outra forma não chegariam à Educação Superior – tivessem acesso à UnB. Esses resultados reconfirmaram o papel do novo campus na democratização do acesso à instituição.

Os novos dados também confirmaram a relevância da escolaridade materna e da satisfação com o curso, para alunos do grupo de cursos *Ciências*, e a da satisfação com o curso, para os estudantes do grupo *Agronegócio*. Esses resultados significam que, mesmo com um modelo de análise ampliado, tais variáveis continuam sendo relevantes para diferenciar entre os estudantes do novo campus e os da sede. Sugerem ainda que, na FUP, o curso de C. Naturais obteve mais êxito em acolher alunos de camadas sociais desfavorecidas que o curso de Gestão de Agronegócios e que, nesse sentido, aquele teria aportado maior contribuição à democratização do acesso que este.

A principal novidade do modelo de análise ampliado foi a situação de trabalho dos estudantes, que no grupo *Ciências* se mostrou um importante fator para distinguir entre alunos do novo campus e os matriculados na sede. Nesse sentido, a novidade corroborou o papel do campus de Planaltina na democratização do acesso e, ao mesmo tempo, exigiu novos estudos para dar conta da relevância do trabalho entre alunos oriundos da escola particular. No grupo *Agronegócios*, a novidade foi a relevância da cor da pele entre egressos da escola privada, o que também deixou perguntas em aberto, aguardando novas pesquisas.

A estratégia de democratizar o acesso à universidade pública mediante a abertura de campus em área socioeconomicamente desfavorecida, buscando promover a inclusão de camadas sociais que vinham sendo sistematicamente alijadas do ingresso na Educação Superior, teve êxito na UnB, nesse estrito sentido.

Mas os resultados reiteraram que problemas na concepção e implantação de cursos no novo campus são uma forte ameaça ao sucesso do projeto de democratização. Dados recentes sobre vagas ociosas apontaram na mesma direção. Os resultados, enfim, ao tempo em que recomendaram a replicação da estratégia, também advertiram para os riscos envolvidos e para a complexidade de um projeto que vai muito além de replicar uma parte da instituição sede num novo ambiente social.

Referências

AMARAL, N. C. Projeções para o financiamento da expansão das IFES no contexto de um novo PNE 2011-2021. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO REUNI, 8., 2010, Brasília, DF. **Apresentações...** Brasília: ANDIFES, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15004>. Acesso em: 26 jun. 2011.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BORGES, J. L.; CARNIELLI, B. L. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 113-139, jan./abr. 2005.

BRITO, M. R. F. ENADE 2005: perfil, desempenho e razão da opção dos estudantes pelas licenciaturas. **Avaliação: revista da avaliação da educação superior**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 401-443, set. 2007.

BRITTO, L. P. et al. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do aluno “novo” da educação superior. **Avaliação: revista da avaliação da educação superior**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008.

CUNHA, L. A. O desenvolvimento meandroso da educação brasileira: entre o Estado e o mercado. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 809-229, out. 2007.

DIAS SOBRINHO, J. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1233-1245, out./dez. 2010.

HERLER, D.; LEHMANN, T. Responder profiling with CHAID and dependency analysis. In: EUROPEAN CONFERENCE ON MACHINE LEARNING, 12., 2001, Freiburg, Germany. **Data mining for marketing applications**. Trier, Germany: Universität Trier, 2001. p. 49-58. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.111.8817>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

FRANCIS, A.; TANNURI-PIANTO, M. Using Brazil's racial continuum to examine the short-term effects of affirmative action in higher education. In: MEETING OF THE BRAZILIAN ECONOMETRIC SOCIETY, 21., 2009, Foz do Iguaçu. **Presentations...** Rio de Janeiro: SBE, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/sbe/EBE09/paper/view/977>>. Acesso em: 26 jun. 2011.

GATTI, B. A. **Formação de professores e carreira**: problemas e movimentos de renovação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

GOBARA, S. T.; GARCIA, J. R. As licenciaturas em física das universidades brasileiras: um diagnóstico da formação inicial dos professores de física. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 519-525, 2007.

GUIMARÃES, A. S. A. **Ingresso em universidades de prestígio e desempenho no vestibular de grupos privilegiados negativamente**: negros na Universidade de São Paulo, de 2001 a 2007. São Paulo, 2007. 28 p. Disponível em: <<http://www.ffch.usp.br/sociologia/asag/Ingresso%20de%20estudantes%20negros%20na%20Universidade%20de%20Sao%20Paulo%20de%202001%20a%202007.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2011.

HASENBALG, C. A distribuição de recursos familiares. In: HASENBALG, C; VALLE SILVA, N. (Org.). **Origens e destinos**: desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 55-83.

MELO, L. V. S. **A democratização do acesso à educação superior pública no Distrito Federal – Universidade de Brasília/Faculdade UnB Planaltina**. Universidade de Brasília. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

MONTAGNER, M. et al. A graduação em saúde coletiva no Brasil: um estudo de caso da UnB-Ceilândia. **Saúde Coletiva**, v. 7, n. 42, p. 167-172, 2010.

NEVES, E. B. C. Educação superior no Brasil: as políticas de inclusão social e seu impacto sobre a desigualdade e a expansão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ENSINO SUPERIOR, Centro de Estudos sobre Ensino Superior (CESPE) da Universidade Federal de Minas Gerais e Center of Latin American Studies da Stanford University. **Anais...** Belo Horizonte: CESPE, 2009. (inédito).

OLIVEIRA, G. M. S. Desenvolvimento cognitivo de adultos em educação a distância. In: SEMINÁRIO EDUCAÇÃO, 2003, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UNEMAT, 2003, p. 22-24.

OLIVEIRA, J. F.; BITTAR, M.; LEMOS, J. R. Ensino Superior noturno no Brasil: democratização do acesso, da permanência e da qualidade. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 19, n. 40, p. 247-267, maio/ago. 2010.

SOUZA, M. **Técnicas avançadas de segmentação de mercado**: utilização do método CHAID. 59 f. 2000. Dissertação (Mestrado)– Departamento de Estatística, Universidade de Brasília, UNB, Brasília, DF, 2000.

VELLOSO, J. Cotistas e não cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. **Cadernos de Pesquisa. São Paulo**, v. 39, n. 137, p. 621-644, maio./ago. 2009.

_____. Acesso à universidade: novas perspectivas de democratização? In: CUNHA, C., SILVA, M. A.; SOUSA, J. V. (Org.). **Políticas públicas de educação na América Latina**: lições aprendidas e desafios. São Paulo: Autores Associados, 2011. (inédito).

VELLOSO, J; CARDOSO, C. B. Evasão na Educação superior: alunos cotistas e não-cotistas na Universidade de Brasília. In: 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Anais eletrônicos...** Sociedade, cultura e educação: novas regulações. Caxambu, MG: ANPED, 2009. v. 1.

_____. **Um quinquênio de cotas: as chances de ingresso de negros na Universidade de Brasília**. Brasília, DF, 2011 (inédito).

VELLOSO, J; MELO, L. V. S. Democratização do acesso à universidade e o *campus* da UnB em Planaltina: uma perspectiva multivariada. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPEd CENTRO-OESTE,10. **Anais eletrônicos...** Desafios da produção e da divulgação do conhecimento. Uberlândia, MG: FACED, 2010. v. 1.

Recebimento em: 22/07/2011.

Accite em: 12/09/2011.